CONFIANÇA E MEDO NA CIDADE[1]

Maria Lúcia de Amorim Soares[2]
Eliete Jussara Nogueira[3]

O medo é algo inerente ao ser humano. Mas é certo, também, que o medo pode ser historicizado, referido às sociedades que com esse sentimento constroem um imaginário que, por sua vez, alimenta o próprio medo. Os medos ganham ao longo do tempo configurações distintas: antes teológico – político, na modernidade torna-se sócio político, não mais proveniente do próprio convívio em sociedade. Hoje ele é distribuído em doses diárias, e ao fazer parte do cotidiano das cidades, torna-se pauta obrigatória de todas as mídias.

Essas observações ganham novos traços quando observamos as metrópoles contemporâneas, com os seus condomínios fechados, defensivos, verdadeiras fortalezas enrijecidas por dispositivos para atender ao medo e a insegurança que passaram a dominar a vida urbana na modernidade líquida, segundo o sociólogo polonês Bauman.

Mauro Magatti, diretor do departamento de sociologia, da Università Cattolica del Sacro Cuore, Milão, ao apresentar "Confiança e medo na cidade", explicita

---

[1] BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade.** Traduzido por Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 94p.

[2] Docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba – Uniso. SP/Brasil. Drª. em Ciências: Geografia Humana, pela Universidade de São Paulo – USP. End.: Av. Dr. Eugênio Salerno, 100-Centro, CEP: 18035-430 – Sorocaba - SP. E-mail: maria.soares@prof.uniso.br

[3] Docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba – Drª. em Educação pela Unicamp. End.: End.: Av. Dr. Eugênio Salerno, 100-Centro. CEP: 18035-430 – Sorocaba - SP. E-mail: eliete.nogueira@prof.uniso.br

que, em síntese, é possível resumir em poucas palavras os elementos centrais do seu raciocínio: as cidades globais entraram numa nova fase histórica, inaugurada no fim do século XX. Por diversas razões, essas áreas são o epicentro das transformações em curso e, como tal, constituem observatórios importantes para compreender tudo o que está acontecendo [...] por um lado, é nas grandes áreas urbanas que se concentram as funções mais avançadas do capitalismo, que tem se reacomodado segundo uma lógica em rede, cujo núcleos estruturais são justamente os centros globais . Por outro lado, as cidades tornam-se objeto de novos e intensos fluxos de população e de uma profunda redistribuição de renda: seja nos bairros nobres, com a formação de uma elite global móvel e altamente profissional, seja em bairros populares, com a ampliação dos cinturões periféricos, onde se junta uma enorme quantidade de populações deserdadas [...] dilaceradas por essa tensão, a classe média corre o risco de acabar vítima de um processo que não controla e não conhece, e de perder o bem-estar conquistado no decorrer das últimas décadas.

É nesse quadro que se inscreve a categoria medo, que via especulação de alguns, transforma-se na base de uma política de controle e repressão. Em curto prazo, o jogo parece funcionar: a ação repressiva e as reivindicações comunitárias servem apenas para tornar mais suportável uma transformação que se processa fundamentalmente fora de qualquer controle.

O volume, constituído de três ensaios, “Confiança e medo na cidade”, “Buscar abrigo na caixa de Pandora: medo e incerteza na vida urbana” e “Viver com estrangeiros”, ao articular o medo, as metrópoles, a insegurança, a alteridade, a globalização e o que ela implica ao mundo local das cidades, objetiva exortar a recuperação da cidade enquanto lugar possível e necessário da *philia*, condição a priori da condição humana e propulsora do diálogo.

O último texto, uma conferência proferida no congresso “Confiança e medo na cidade”, realizado em Milão, em 2004, dá uma dimensão humanista ao livro, funcionando como fio que costura os três ensaios. Ao revelar as dificuldades de conviver com estrangeiros, que pelas diásporas e deslocamentos motivados por questões políticas, econômicas e sociais aportam nos centros mais desenvolvidos, Bauman destaca como se dá “a busca de diferenças justamente para legitimar as fronteiras”, num espaço global, “espaço selvagem”, sem controle, como a atual crise contemporânea do capitalismo vem demonstrando.

As cidades, nas quais vive hoje mais da metade da população mundial, “são de certa forma os depósitos onde se descarregam no espaço global”. Como resultado cria-se a *underclass*, os indesejados, os excluídos do mundo globalizado, gerando tendências a criar muros, “os espaços vedados”, concreti-

zados na arquitetura das metrópoles contemporâneas. Chamando atenção para a "mixofobia", o terror da mistura, da alteridade, reeditada em contextos diversos, o sociólogo aponta, entretanto, para a coexistência com a "mixofilia" que se for incrementada, pode recuperar o sonho utópico da comunidade orgânica, a cidade compartilhada.

Para Bauman, as cidades são também: campo de batalha e laboratórios para as soluções dos problemas globais, geradas longe, mas cujos efeitos se dão nas realidades locais das cidades. O grande desafio seria, então, recuperar a dimensão comunitária do espaço público, como forma de aprender a arte de uma coexistência segura, pacífica e amigável, uma vez que a corrosão da *philia*, motivada pela sobrevalorização do indivíduo que se liberou dos laços que uma densa rede de vínculos sociais lhe impunha, como também pelo afrouxamento das redes de parentesco e vizinhança, fez surgir a sensação de insegurança.

A "modernidade sólida" – a que se deu em torno da fábrica e que possibilitou a administração do medo pelo controle estatal, criou vários tipos de associações, sindicatos e agrupamentos, bem como erige a nação como forma de firmar e narrar a ideia de comunidade, tendo como objetivo lutar contra os medos, fazendo com isso que a solidariedade ocupasse o lugar de pertencimento. Mas quando a solidez da modernidade torna-se terreno instável e a ideia de progresso perde sua possibilidade, o imaginário do medo, associado aos diversos tipos de violência urbana, condiciona as falas do medo, que por sua vez alimenta o imaginário do próprio medo. Surgem assim os usos políticos e mercadológicos do medo, que afetam desde a arquitetura aos espaços públicos. Com a insegurança e o medo, tendem a desaparecer das ruas os atrativos da vida urbana, seguranças particulares, câmaras de vigilância, condomínios fortificados, carros blindados, afastam os intrusos e indesejáveis.

O quadro analisado por Bauman não fecha o discurso, deixando aberto o campo de possibilidades, entretanto revelando que as cidades globais têm um destino; não existem determinismos na vida social e se os atores sociais enfrentarem a realidade e exercitarem sua capacidade de ação há capacidade de modificar o curso dos acontecimentos com vistas à construção de um capital social. "O progresso para a civilização" não é uma conquista isolada, mas uma permanente luta cotidiana, combate jamais totalmente vitorioso, mas que precisa ser encorajado pela esperança de vencer: a confiança na cidade.

Recebido em: abr./2009 Aprovado em: abr./2009